

## Água, dádiva de amor que não sabemos acolher

Sem ela, não há vida. Por isso, os homens sempre se esforçaram pelo seu acesso. Ainda hoje se sofre por ele – são muitas as mulheres e crianças a percorrerem quilómetros para que a família possa satisfazer, precariamente, as necessidades básicas, e a regarem os legumes da subsistência com um púcaro. Em contrapartida, nós, na nossa sociedade ocidental, dita evoluída, donos de todas as torneiras de todas as abundâncias, desperdiçamo-la em cada gesto quotidiano, em cada actividade, em cada realização, sem um segundo de atenção ao dom que ela constitui e à falta que dela sofrem tantos dos nossos irmãos.

No ocidente industrializado, já não lhe atribuímos importância, porque, *utile et humele*, achamos que, correndo por fontes e ribeiras, presente em lagos e oceanos, ela estará sempre disponível. Só que ela é também *casta*, logo, facilmente poluível, e só pura nos permite viver. E assim fomos esquecendo o cuidado com que os nossos avós a tratavam. Das suas práticas, ainda ficaram fontes, por nós abandonadas, em que da bica se serviam exclusivamente os homens, passava a uma bacia onde bebiam os animais, descia para o lavadouro da roupa, donde era encaminhada para a rega, esta obedecendo a regras. A que sobrava, seguia, pelas ribeiras, para o mar, onde os detritos, entretanto incorporados e transportados, alimentavam os peixes. Ainda vemos aquedutos, levemente inutilizados, que foram verdadeiros templos da água, tal o cuidado na sua condução pelas galerias interiores até ao reservatório de distribuição. Ainda encontramos poços e fontes que são altares para a celebração da água, tal a beleza posta na sua forma e ornamentos.

Entretanto, esquecidos também dos seus ciclos naturais de evaporação e condensação, assim como da sua purificação através do solo, abatemos e queimamos as florestas, transformamos as formas do cultivo dos campos, construímos à toa, impermeabilizamos os solos, conduzimos as águas pluviais, abastecedoras das toalhas freáticas, ao mar, onde de doces passam a salgadas e, carregadas dos resíduos tóxicos duma industrialização abusiva, a que nem já a agricultura escapa, vão matar os peixes, que alimentavam. Com o mesmo sentimento de poder e irresponsabilidade, vamos entupindo os cursos de água com os resíduos plásticos de uma civilização que, também ela se vai, metaforicamente, tornando de plástico, provocando a morte acelerada da vida marinha, igualmente indispensável à vida terrestre.

É que esquecemos igualmente que, como nos lembra S. Francisco, ela é *preziosa*. Porém, só saberemos a medida desse preço se encontrarmos o sentido a que nos convida: concorrer com a nossa acção para que a vida continue a ser possível. Assim, aqui fica a sugestão para uma dessas acções. Podemos utilizar muita água que desperdiçamos porque imprópria para o consumo humano, para outros fins (lavagem de ruas, rega de jardins, etc.) evitando, assim, utilizar águas tratadas que custam

dinheiro. Numa acção conjunta com outras cidades doutros países, essa economia poderia ser encaminhada para um fundo internacional que ajudasse a custear o acesso, cada vez mais alargado, de todos a água potável, a água que permite a vida.

Bárbara e Filipe Lopes